



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA

SAN CARLOS DE BARILOCHE, ARGENTINA, 16 DE OUTUBRO DE 1995

Quero agradecer ao meu querido amigo, Presidente Carlos Menem, e, por seu intermédio, a todo o povo argentino, pela hospitalidade fraterna com que nos recebem nesta bonita cidade de São Carlos de Bariloche.

Quero também saudar os Presidentes amigos dos países ibero-americanos e expressar-lhes meu prazer em compartilhar estes momentos de trabalho e reflexão.

A Conferência Ibero-Americana é um espaço político definido e um foro com características próprias. Nosso patrimônio comum, fruto de uma história de 500 anos, criou uma identidade cultural ibero-americana em que o espaço para a pluralidade de opiniões é traço fundamental. Vivemos, neste foro, a oportunidade para encontros verdadeiramente democráticos. Essa é a riqueza que nos define como grupo político, num mundo em que a equação das alianças se alterou profundamente e em que se abriram novos campos para a cooperação.

Os países ibero-americanos identificamos cada vez mais traços comuns, que reforçam o sentido de identidade do nosso grupo e o capacitam para atuar em conjunto no desenvolvimento das metas específicas a que se propõe.

No campo político, consolidamos a imagem de que avançamos no caminho da plenitude democrática e do respeito aos direitos humanos. No campo econômico, seguimos uma agenda de transformação em direção à estabilidade, à abertura e ao crescimento.

Democracia e liberdade econômica são as grandes forças que movem o mundo contemporâneo. São forças necessariamente complementares, interligadas, que valorizam o homem, porque o projetam com sentido pleno de cidadania.

E são forças criativas, que estão na raiz da integração, que a tornaram possível, que a fizeram um dos pilares da nova estrutura das relações internacionais. Sem os interesses comuns gerados pela democracia e pela liberdade econômica não pode haver integração e todos os seus benefícios em termos de associação política, ampliação de mercados, atração de investimentos e geração de empregos.

Seja na União Européia, seja no Mercosul, seja nos demais movimentos integracionistas a que cada um de nossos países pertence ou procura pertencer, encontramos, na integração econômica, parte substancial da resposta aos desafios e oportunidades do mundo pós-Guerra Fria, do mundo da competitividade econômica e da corrida tecnológica.

Mas nem a democracia no plano formal, nem a liberdade de mercado, nem a integração econômica apresentam todas as respostas ou são os únicos recursos com que contamos para colocar as modernas tendências do mundo a serviço do nosso progresso social e econômico.

Essa resposta se encontra, antes de tudo, na melhoria dos nossos indicadores sociais: educação, saúde, qualidade de vida da população. Em suma, na integração social, em uma ética social, que completa a ética do trabalho para gerar e dar sustentação a uma civilização.

Essa foi a fórmula que, ao longo de muitas décadas de história, encontraram os países de maior sucesso na busca do desenvolvimento, combinando quatro fatores insubstituíveis: altas taxas de poupança, estabilidade econômica, estabilidade política e social e nível educacional médio elevado.

Compreender isso é um imperativo inadiável para todos nós. Encontrar aí campo para um trabalho conjunto da comunidade ibero-americana é uma oportunidade.

Por isso, o tema escolhido para o nosso encontro não poderia ter sido mais apropriado: a educação como fator essencial do desenvolvimento econômico e social de nossos povos.

A revolução tecnológica e produtiva em um mundo marcado pela globalização nos oferece um sentido claro de objetivo. A essência dos processos produtivos de hoje é o conhecimento científico e tecnológico, é o preparo intelectual do cidadão que trabalha, da empresa que produz, do Governo que atua na vida do país, respondendo democraticamente às aspirações da sociedade.

Se, para os países, a qualificação da mão-de-obra é o requisito básico para poderem participar dos frutos positivos da globalização da economia, individualmente, para cada cidadão, a educação e o preparo profissional são a chave para o emprego e o desenvolvimento profissional, assim como para a participação política.

Sem educação, a equação do desenvolvimento econômico e social perde uma de suas variáveis fundamentais. Mas, sem educação, a cidadania não se completa, e isso pode afetar a qualidade e a eficácia da democracia. A própria natureza da vida moderna confronta o cidadão com questões e opções complexas, as quais são fortemente orientadas pelos meios de comunicação de massa. Exige, assim, do cidadão, seja como eleitor, seja nas diversas formas de participação social e política, sensibilidade e discernimento. Para tanto, a educação é fundamental.

Uma política educacional deve contemplar a igualdade de acesso e converter-se, assim, em instrumento de promoção da igualdade social; deve estimular a participação ativa dos indivíduos em todas as questões de interesse para a sociedade; deve estimular, desde cedo, a curiosidade intelectual, a capacidade inquisitiva, o raciocínio e a capacidade crítica, que constituem o ponto de partida para o desenvolvimento da pesquisa científica e tecnológica.

O que podemos fazer, concretamente, os países ibero-americanos, para juntos orientarmos a nossa cooperação de forma a fazer uma diferença no tratamento do desafio educacional?

É talvez no plano cultural que os países ibero-americanos mais se identificam como uma verdadeira família de nações. Falamos línguas diversas, ainda que próximas; temos certo grau de diferenciação no nosso desenvolvimento, mas comungamos os mesmos valores, falamos a mesma linguagem.

É aí que se encontra a nossa capacidade de atuar de forma coordenada, de cooperar para a solução de problemas comuns, de contribuir, enfim, para que, respeitadas as opções soberanas de cada povo, possamos, de fato, formar uma comunidade com sentido de um objetivo concreto.

O Brasil tem tido boas experiências no campo do treinamento profissional e do ensino técnico, com ampla participação do setor privado, que mantém boas instituições de capacitação, como é o caso do Sesc, no comércio, do Senai, na indústria, e do Sebrae, voltado para a pequena e média empresas.

Temos boas escolas técnicas públicas. Temos uma boa capacidade para oferecer vagas em programas de graduação e pós-graduação em diferentes universidades e centros de pesquisa.

Mas temos também muitas carências. Precisamos de treinamento e qualificação em muitas áreas, em que outros países ibero-americanos estarão mais capacitados. Temos de oferecer condições de aperfeiçoamento aos professores da rede pública, que são responsáveis pelo ensino, no Brasil, de dezenas de milhões de alunos. Temos de dar condições ao aluno para que ele possa permanecer na escola.

Precisamos fortalecer nossas instituições de ensino e pesquisa, para que possam responder melhor às demandas crescentes, por conhecimento técnico, científico e tecnológico e por cooperação com os países amigos.

Temos, como muitos dos nossos países, dificuldades para mobilizar recursos financeiros.

Mas podemos encontrar fórmulas criativas para superar esse constrangimento. Afinal, o fato de falarmos a mesma linguagem torna a

exploração da cooperação educacional entre nós mais econômica, mais produtiva.

Este encontro vai produzir vontade política para que exploremos esse campo promissor da cooperação ibero-americana.

Há amplo espaço para a colaboração, particularmente entre povos que tanto têm em comum, que falam a mesma linguagem. Juntas, as nações ibero-americanas saberão fazer da educação uma alavanca para enfrentar os desafios deste fim de século e garantir que o século XXI já chegue sob o signo da nossa plenitude, como sociedades democráticas, social e economicamente desenvolvidas.

Muito obrigado.